

DE VOLTAIRE A BALZAC, PASSANDO POR BERMAN

Ivone C. Benedetti

Tradutora, doutora pela
Universidade de São Paulo
ivonecbenedetti@uol.com.br

RESUMO: *A finalidade deste texto é fazer um levantamento das estratégias adotadas em minha tradução do Dicionário filosófico (Voltaire) e de Ilusões perdidas (Balzac), levando em conta não só o estilo de cada um desses autores, mas também os conceitos de elegância preconizados por Voltaire e as expectativas do público-alvo de Balzac no Brasil. O paralelo traçado convida a uma reflexão sobre a noção de tradução centrada na fidelidade à letra, que tem em Berman um de seus teóricos mais importantes.*

PALAVRAS-CHAVE: Tradução, Voltaire, Balzac, Berman.

RÉSUMÉ: *Ce texte a pour but de dresser un bilan des stratégies adoptées dans le cadre de mes traductions du Dictionnaire philosophique (Voltaire) et d'Ilusions perdues (Balzac), en tenant compte non seulement du style de chacun de ces auteurs, mais aussi des concepts d'élégance prônés par Voltaire et des attentes du public cible de Balzac au Brésil. Le parallèle développé ci-dessous invite le lecteur à une réflexion sur la notion de traduction centrée sur la fidélité à la lettre, qui trouve chez Berman un de ses plus importants théoriciens.*

MOTS-CLÉS: Traduction, Voltaire, Balzac, Berman.

PRELIMINARES

Ao ser convidada para o I Encontro de Tradutores de Obras Francesas no Brasil estava eu envolvida com dois trabalhos simultâneos para duas editoras diferentes, os dois em fase final de tradução: o *Dicionário filosófico*, de Voltaire, e *Ilusões perdidas*, de Balzac.

“Envolvida” é bem o termo, por duas razões: primeiro, porque se trata de duas obras alentadas e de grande dificuldade, que exigiam de mim muita dedicação e atenção; segundo, porque se trata de obras interessantes, cativantes enfim.

Decidi então refletir sobre elas. Mas o que haveria em comum entre elas e o que as distinguiria?

Em termos de contexto cultural:

a) logo à primeira vista, chama a atenção o fato de as duas obras terem sido escritas em contextos socioculturais e políticos muito diferentes, apesar de separadas cronologicamente apenas por algumas décadas, mas tendo de permeio um evento profundamente transformador: a Revolução Francesa;

b) em contrapartida, a linha de continuidade da influência do pensamento de Voltaire durante e após a etapa revolucionária se faz sentir na obra de Balzac, se não na forma de filiação filosófica explícita, pelo menos como reflexo de sua onipresença na vida cultural francesa: Voltaire é citado onze vezes em *Ilusões perdidas*, na maioria das vezes em falas de personagens; significativa é a contraposição sugerida por Lousteau entre a literatura “de idéias” (de Voltaire) e a literatura do momento, “de imagens”.

Em termos mercadológicos:

a) são duas obras que já caíram em domínio público, o que em si constitui um grande incentivo a traduções e retraduções;

b) apesar disso, do *Dicionário* não consegui detectar nenhuma tradução integral entre nós; em compensação, *Ilusões perdidas* tem uma tradução integral esgotada, dirigida por Paulo Rónai para a Editora Globo e, no mercado atual, consegui localizar uma tradução da Ediouro e uma adaptação infanto-juvenil da Companhia das Letras.

Em termos textuais:

Entre o francês de Voltaire e o de Balzac passam-se sessenta a setenta anos (é difícil datar

com precisão as duas obras, visto que o *Dicionário* foi remanejado várias vezes ao longo de muitos anos, e a publicação de *Ilusões* foi sendo feita por partes durante cerca de dez anos). Enfim, além de se tratar de um período suficientemente longo para produzir mudanças lingüísticas, é preciso considerar que a sociedade francesa passou então por uma fase de radical transformação social, que não se reflete apenas no pensamento dos dois escritores, mas também no modo como estes o expressam. Enfim, há uma grande defasagem em termos lexicais e sintáticos:

a) em termos lexicais, é comum encontrar-se em Voltaire termos hoje desusados; mais comum, porém, é deparar com termos usados ainda hoje, mas com significado obsoleto; escusado é dizer que o francês de Balzac está bem mais próximo de nós, uma vez que, nele, as estranhezas lexicais prendem-se mais a alusões regionais;

b) na consideração das características sintáticas, é preciso levar em conta os estilos pessoais e a tipologia textual: de um lado, uma obra argumentativa (de “idéias”, como dizia Balzac através de Lousteau); de outro, uma ficção (obra “de imagens”, nas palavras da mesma personagem) – desses aspectos trataremos a seguir, pois eles constituem o cerne deste nosso trabalho.

Objetivo das editoras

Ambas as editoras têm em vista a tradução integral da obra dos dois autores: Voltaire, na Martins Fontes, e Balzac, na L&PM. Em ambas, detectei o sério propósito de enriquecer nosso

cenário cultural com traduções completas, coisa que realmente está em falta. No entanto, há certa redundância no mercado, ou seja, são traduzidos sempre os mesmos autores. Considero que isso se deve a três fatores. Em primeiro lugar, em se tratando de autores de domínio público, as editoras não tropeçam nas negociações de direitos e, por conseguinte, é de se imaginar que acabem contabilizando custos menores do que com a tradução de obras recentes; em segundo, trata-se de autores que “vendem”, indubitavelmente; em terceiro lugar, estão em falta boas traduções, mesmo de autores “clássicos”, já caídos em domínio público: ou devido ao esgotamento de algumas das boas traduções, ou por nunca haver sido empreendida uma tradução integral da obra, talvez excessivamente, por ser extensa (como é o caso da de Voltaire). No que se refere à segunda hipótese, ressalte-se que até há cerca de trinta ou quarenta anos todos os brasileiros cultos liam francês; portanto, a ausência de tradução não era sentida com tanta agudeza como agora. Quanto ao esgotamento das boas traduções, talvez caiba entender essa palavra em dois sentidos: no de sua ausência das prateleiras das livrarias e no de sua considerada obsolescência em termos de linguagem.

Sobre os dois autores

Voltaire

Voltaire tem uma concepção bem definida de estilo: ele não só o esclarece como o pratica. Subjacentes aos conceitos por ele explicitados, é

possível identificar elementos importantes que, no século XVIII, giravam em torno da noção de gosto: juízo e senso comum. A discussão desses aspectos permeia todo o texto voltairiano e, em alguns momentos, torna-se seu tema principal. A palavra-chave é elegância, ou seja, como diz ele no verbete *Langues*: “Três coisas são absolutamente necessárias: regularidade, clareza e elegância. Com as duas primeiras consegue-se não escrever mal; com a terceira, escreve-se bem”.

Em nenhum momento é possível encontrar uma conceituação intencional e precisa dessas três palavras; o que elas representam para ele é inferido, sobretudo, da observação de seu próprio texto e das críticas que ele faz aos textos que considera deselegantes. Para o estudioso de Voltaire, o objetivo principal seria o da enunciação elaborada de observações assim inferidas; para o tradutor, o desafio é o de criar na língua de chegada um texto que, em sua enunciação, não contradiga o que é enunciado; em outras palavras, criar um texto que, na língua de chegada, seja considerado elegante, para que a forma não contradiga o fundo.

Enfim, estamos diante da discutida seqüência hermenêutica: a interpretação como base para um novo enunciado; ressaltando-se, porém, as características peculiares do “novo enunciado” criado no processo de tradução, o texto traduzido.

Mas cabem aí mais algumas precisões. A primeira é que, para Voltaire, elegância não é só de estilo pessoal, aquela de que já falamos, com seus componentes necessários (mas não suficientes), regularidade e clareza; existe também a ele-

gância intrínseca de uma língua. Em que consiste essa elegância? Consiste na progressão natural, propícia à conversação (esquemáticamente: sujeito+verbo+ complemento), e na “aptidão para dizer da maneira mais breve e harmoniosa aquilo que as outras linguagens exprimem com menos felicidade” (verbete *Langues*). Esse seria, mais propriamente, o seu “gênio”.

Ora, o primeiro expoente desse “gênio” da língua francesa, como se sabe, é Pascal. Suas *Cartas provinciais* são um exemplo de texto urdido com frases diretas e períodos curtos; estão elas já distantes da intrincada periodização protática de base latina, presente, por exemplo, em Descartes. É a urdidura pascaliana, basicamente, a praticada por Voltaire. Nem poderia ser diferente, já que os textos de frases curtas e incisivas são excelentes instrumentos da ironia; neles, paradoxalmente, a enunciação direta serve de máscara ao raciocínio tortuoso.

Diante disso, uma constatação (é preciso ser elegante nos termos voltairianos) e uma pergunta (a criação de um estilo elegante em português obedece aos mesmos critérios do francês?). A esta eu responderia: nem sempre.

Ora, nesse momento, para um tradutor imbuído dos estudos bermanianos e venutianos (com sua tradicional tensão entre tradução estrangeirizante e tradução domesticadora), cria-se um dilema. A que “gênio” dar mais peso: ao da língua de chegada ou ao da língua de partida? – pois foi justamente a observância estrita do “gênio” da língua de chegada que criou as traduções domesti-

cadoras tão criticadas por essa linha teórica. Onde achar o ponto de equilíbrio, ou seja, a tradução que não seja deselegante porque calcada, a tradução que seja elegante, mas não à custa da desfiguração de um autor? Em outros termos: a tradução que não seja escabrosa, áspera, escarpada (porque fiel à letra, nos termos bermanianos), mas também não tão redonda, plana e uniforme a ponto de velar a face do autor e ensejar interpretações desviantes ou até incorretas?

Em português, a elegância talvez se encontre em outros aspectos. Numa análise contrastiva rápida, eu diria que o “gênio” (para usarmos o termo de Voltaire) da língua portuguesa propicia:

a) preferência por formas mais sintéticas que analíticas (menos artigos, menos possessivos, formas verbais não-compostas...);

b) uso de ordens diversas dos elementos integrantes da oração (verbo + sujeito + complemento; verbo + complemento + sujeito etc.);

c) possibilidade ou até obrigatoriedade de ocultar pronomes sujeitos;

d) preferências várias na posição dos adjuntos adverbiais e dos objetos verbais (em francês, é maior a frequência de interrupção do fluxo de transitividade com a aderência do adjunto adverbial diretamente ao verbo, interposto entre este e seu objeto; a ordem verbo + objeto indireto + objeto direto parece menos frequente em português que em francês);

e) o *dont* francês está presente tanto nos enunciados coloquiais quanto formais; o “cujo”

português sempre faz parte do estilo formal (noção importante na tradução de Balzac);

f) a própria tradução de *on* enseja quase uma dezena de possibilidades, que podem ser escolhidas com o objetivo de criar frases mais leves e sintaticamente corretas.

Enfim, além dessas opções sintáticas, há as lexicais, que implicam algumas certezas e muitas indagações:

a) traduzir o obsoleto pelo obsoleto ou abster-se disso e sempre “modernizar”?

b) será lícito introduzir palavras que entraram no português depois do século XVIII (no caso de Voltaire) e do XIX (no caso de Balzac)?

c) não perder de vista que a escolha de um entre dois ou três sinônimos nunca é inocente;

d) por fim, o conceito de elegância lexical sempre é subjetivo e pessoal.

Cada item desses daria uma dissertação. Não há tempo para discuti-los. Encerro esta parte esclarecendo que minhas opções foram norteadas pelo intuito de criar um texto elegante em português, segundo critérios em parte objetivos (tomando por base aquilo que conheço do *corpus* literário de minha língua materna) e em parte subjetivos (ou seja, aquilo que constitui minhas preferências estilísticas). Nesse aspecto, não fui contraditória em relação às críticas que venho fazendo há algum tempo à aceitação cabal das teses bermanianas acerca do respeito à letra. Muito difundidas em meio acadêmico, elas se revelam ineficazes na prática.

Espero que a análise de minhas opções na tradução de Balzac esclareça melhor esse aspecto.

Balzac

A tradução da *Comédia humana*, dirigida por Rónai para a Editora Globo, ficou consagrada e foi considerada definitiva durante cerca de quarenta anos. Por esse motivo, procurei saber quais seriam os objetivos de uma retradução. Segundo a editora, esperava-se uma tradução em linguagem mais condizente com o nosso tempo, de tal modo que a obra pudesse ser lida pelos jovens de hoje, que não conhecem Balzac. Não foi, porém, com *Ilusões perdidas* que iniciei minha incursão na tradução de Balzac. Foi com *Eugénie Grandet*, tradução, aliás, já editada. Como a editora aprovou aquele trabalho, adotei as mesmas táticas na abordagem de *Ilusões*. Apesar dos objetivos até certo ponto preocupantes, na verdade os editores não tinham em vista adaptações nem cortes: as obras foram traduzidas na íntegra.

Meu primeiro cuidado foi verificar que aspectos da tradução da Globo seriam dignos de mudança. Uma primeira vista-d’olhos já me revelou aquilo que os editores atuais poderiam considerar “ultrapassado”. Na verdade, a linguagem é lusitanizante, natural para a época daquela tradução. Essa característica manifesta-se na escolha dos pronomes pessoais, nas opções lexicais e na estruturação sintática geral.

O mais interessante, porém, é a literalidade das traduções adotadas. Há tal respeito pelo original

que eu ousaria qualificar os tradutores que atuaram naquele projeto de bermanianos *avant la lettre* (sem trocadilhos).

Ora, eu estava diante de uma solicitação: uma linguagem mais próxima da atual. Havia certezas e dúvidas. Estava claro que seria preciso fugir às duas características responsáveis pela impressão de estranheza atual: o cunho lusitanizante e a excessiva literalidade.

Uma primeira dúvida dizia respeito aos pronomes pessoais. A tradução dirigida por Rónai optou pela tradução de *tu* por tu e de *vous* por senhor/senhora ou você. Teria sido essa também a minha opção, por se tratar de uso vigente entre nós no século XIX (que pode ser detectado em nossos escritores): tu, para as situações de grande intimidade; senhor/ senhora, para as relações de respeito; você, para uma situação intermediária, de menor familiaridade, sem obrigatoriedade de reverência ou respeito. Isso daria conta das nuances de *vous* (*vous + nom*; *vous + prénom*). Não consegui convencer a editora, que, apesar de localizada no Rio Grande do Sul, achou conveniente alijar o tu e ficar com o você, apenas. A razões são claras: por um lado, a imensa maioria do Brasil adotou o você como única forma de tratamento nas situações em que não cabem senhor e senhora; por outro, as nuances de distinção entre tu e você, presentes até o início do século XX, já não seriam percebidas pelo grande público.

Outro aspecto interessante e, de certo modo, inesperado é o de que o estilo frasal de Balzac é mais intrincado que o de Voltaire. Seus períodos

são mais longos, com grande frequência de incisos. Esse foi um aspecto sintático no qual fui obrigada a interferir com alguma frequência, procurando um equilíbrio que não descaracterizasse o fluxo rítmico peculiar do autor (que considero um pecado capital), mas criasse um ritmo mais deglutível pelo leitor-alvo. Em hipótese nenhuma houve corte de períodos longos. A tradução foi mais orientada pela noção de texto marcado ou não marcado, ou seja, da observação da presença ou não de alguma particularidade sintática em contraposição com as outras unidades de mesma natureza da mesma língua. Diante da presença de um texto “marcado”, esforço para mantê-lo. Quando não, preferência pela maior elegância, nos termos discutidos anteriormente.

Por outro lado, ao contrário do que se fez na tradução da Globo, os trocadilhos foram adaptados (admito que nem sempre com total felicidade, segundo minha apreciação).¹

Mas, além de tudo isso, existe um dado em *Illusions perdues* que exige verdadeira e inelutável transcrição nos termos haroldianos: a presença da poesia. Como se sabe, trata-se da história de um poeta, e é preciso traduzir sua poesia. O desafio não foi dos menores, sobretudo porque a tradução dos poemas na edição da Globo ficou por conta de ninguém menos do que Mário Quintana.

¹ Exemplos de transcrição: *Les vers dévoreront la librairie!* (frase de Dauriat, quando rejeita, diante de vários espectadores, a idéia de publicar poesia) → Eu com versos não quero prosa!; *Le temps est un grand maigre* → O tempo é o melhor remendo.

CONCLUSÃO

Quando me propus fazer esta apresentação, o objetivo era discutir o que havia em comum nas táticas por mim adotadas na tradução de Voltaire e de Balzac. No momento, posso concluir que:

a) em Voltaire, a busca de qualidade textual alicerçou-se naquilo que o autor enunciava como objetivos estilísticos válidos; em Balzac essa busca teve outro ingrediente: o público-alvo.

b) em nenhum dos dois, o ponto de partida foi o apego à letra, segundo preconizado por Berman.

Ora, isso me leva a convidar a uma reconsideração dessa teoria, que serve de base a não poucos trabalhos acadêmicos sobre o assunto. Porque – como deve ter sido notado – minha intervenção aqui se deu na qualidade de tradutora engajada no mercado editorial. Em quase 100% das traduções oferecidas ao público, as opções publicadas, na melhor das hipóteses, costumam ser fruto de uma negociação entre editores e tradutores; nunca são de responsabilidade apenas do tradutor que, frequentemente, é até mesmo ignorado em suas preferências. O ideal seria uma reflexão (nos dois sentidos do termo) mútua, entre Academia e Mercado. Mas a vez dessa dialética (nada fácil) ainda está muito distante. Enquanto isso, em teoria da tradução, dois segmentos falam duas linguagens que não se interpenetram: um voltado demais para teorias importadas; outro incapaz de tirar as viseiras e de enxergar algo mais do que as mecânicas do

trabalho rotineiro, mesmo porque, neste país, a luta pela sobrevivência pouco tempo deixa à prática da reflexão.

REFERÊNCIAS

- BALZAC, H. de. *Illusions perdues*. Paris: Pocket, 1999.
- BENEDETTI, I. Dos graus da reformulação sintática em tradução: aspectos culturais e rítmicos. *TradTerm*, CITRAT, FFLCH-USP, 2003. p. 11-26.
- _____. Prefácio. *Conversas com tradutores*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BERMAN, A. L'éthique de la traduction. *Les tours de babel*. Mauvezin: Trans-Europ-Repress, 1985a. p. 82-91.
- _____. Hölderlin, ou la traduction comme manifestation. *Les tours de babel*. Mauvezin: Trans-Europ-Repress, 1985b. p. 93-107.
- _____. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.
- _____. *A prova do estrangeiro*. Tradução de Maria Emília Chanut. Bauru: Edusc, 2002.
- CAMPOS, H. *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- GADAMER, H.-G. *Truth and Method*. Tradução de Joel Weinsheimer e Donald G. Marshall. 2. ed. Nova York: Continuum, 1989.
- LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literária*. Tradução, prefácio e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.
- VENUTI, L. *L'invisibilità del traduttore: una storia della traduzione*. Tradução de Marina Guglielmi. Roma: Armando Editore, 1999.

BENEDETTI, Ivone C. – De Voltaire a Balzac, passando por Berman

_____. *Escândalos da tradução*. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia M. Villela, Marileide D. Esqueda, Valéria Biondo. Bauru: Edusc, 2002.

VOLTAIRE. *Dictionnaire philosophique*. Paris: Garnier Frères, 1878.